

1P1R0039

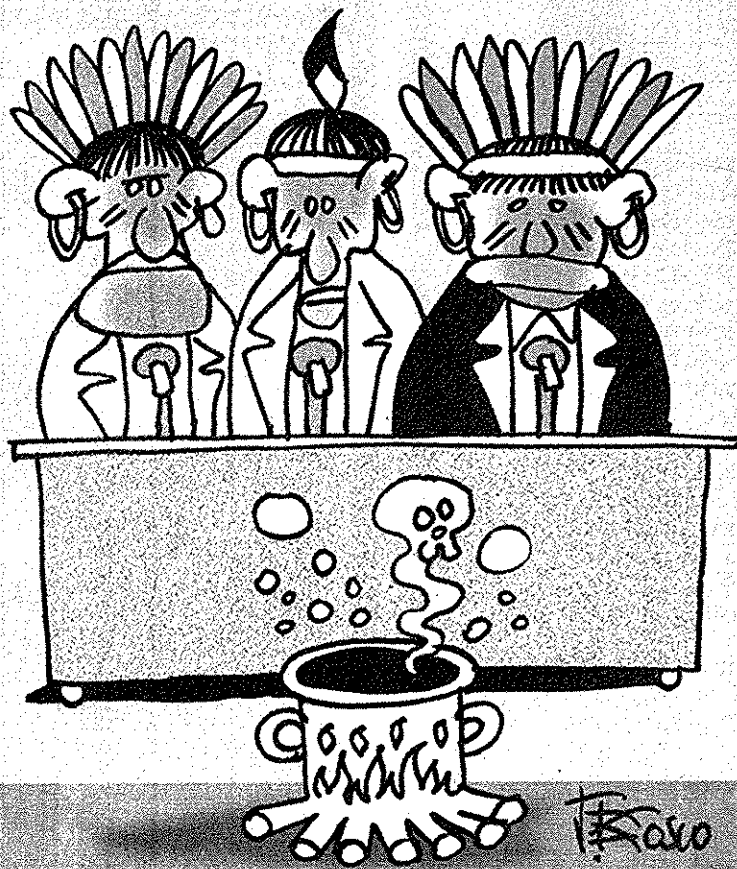
4468

Índios dizem não à biopirataria

Paiakan, Terena e Xavante anunciam na Itália reunião de cem pajés em Brasília

J.BOSCO

Brasília (AE) - Três índios brasileiros viajam esta semana à Europa para cobrar das organizações não-governamentais (ONGs), parlamentares e indústria farmacêutica maior cuidado para evitar o incentivo à biopirataria. Os índios vão anunciar, na Itália, a reunião que cem pajés e sábios farão em abril, em Brasília, para colocar um fim no roubo de genes, ervas e outros conhecimentos indígenas que estão sendo contrabandeados para outros países gerando um prejuízo anual de US\$ 9 bilhões ao Brasil. Os pajés decidiram realizar o encontro em Brasília para homenagear o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em abril do ano passado por cinco jovens da classe média do Distrito Federal. Além disso, os curandeiros pretendem realizar uma grande pajelança (trabalhos espirituais), aproveitando o lado místico da cidade. O encontro, que seria realizado em área indígena, longe do lobby das indústrias farmacêuticas, terá apenas três convidados especiais: o presidente Fernando Henrique Cardoso, o presidente do Congresso, Antônio Carlos Magalhães, e o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Celso de Mello. Na segunda e terça-feiras, os índios Marcos Terena, Paulinho Paiakan e Benjamin Xavante estarão discutindo o assunto no Parlamento Europeu com representantes de ONGs. "Vamos explicar como a biopirataria nos preocupa, como a exploração ilegal de madeira em área indígena, e falar da intenção dos pajés em fazer uma carta de princípios estabelecendo parâmetros para o uso dos conhecimentos indígenas", afirma Terena. Hoje, segundo Terena, coordenador de Direitos Indígenas da Fundação Nacional do Índio (Funai), entre a identificação de uma planta e sua



transformação em medicamento, a indústria farmacêutica gasta cerca de US\$ 300 milhões e 15 anos de trabalho. "Nossos sábios possuem conhecimentos que diminuem este tempo e todos nós temos interesse em divulgá-los, ajudando a humanidade", diz Terena. "Mas é preciso que haja limites para evitar que tudo isso caia em mãos erradas e se transforme em pirataria". A preocupação dos índios, conforme Marcos Terena, não se resume ao contrabando de plantas medicinais na floresta. "Infelizmente estão pirateando recursos genéticos, como dentes, cabelos e sangue de diversas tribos, como dos caritianas, de Rondônia, e caingangues, do Sul do País",

explica Terena. "É preciso pôr fim a isso, daí estarmos tentando sensibilizar a comunidade internacional". No encontro de abril, os pajés e sábios tentarão estabelecer regras para a entrada de exploradores, cientistas e pesquisadores nas áreas indígenas. Será elaborada uma carta de princípios onde os curandeiros se dispõem a colaborar com a ciência, desde que consultados. Apenas o Estado do Acre possui uma lei que pune a biopirataria, de autoria do deputado estadual Edvaldo Magalhães (PC do B), autor, também, da denúncia do roubo de material genético por cientistas estrangeiros.